

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA**

**COMO APRENDE QUEM ENSINA: O ESTÁGIO DURANTE O
PERÍODO DE FORMAÇÃO DOCENTE**

Trabalho de conclusão de curso, realizado sob
orientação do professor João Pedro Alcântara Gil.

CRISTINA SALIB DEFFACI

Porto Alegre, dezembro de 2009.

SUMÁRIO

- Sobre minha trajetória e a escolha do tema	3
- Sobre o Estágio na formação profissional	6
- Sobre a preparação anterior aos estágios curriculares	9
- Sobre meus estágios curriculares obrigatórios	14
- Sobre o Estágio realizado no Projeto "Teatro e Dança nas Escolas", do município de Ivoti.....	29
- Sobre as diferenças entre o Estágio Curricular Obrigatório e o Estágio Eletivo	34
- Considerações finais	38
- Referencial teórico	41

SOBRE MINHA TRAJETÓRIA E A ESCOLHA DO TEMA

Quando ingressei no curso de teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), primeiramente optei pelo curso de Bacharelado em Interpretação Teatral. Logo no segundo semestre da faculdade, surgiu a oportunidade de fazer o curso para formação de atores da Terreira da Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz. Decidi que seria bom conviver com um grupo de teatro com tanto tempo de experiência e conhecer outras pessoas que fazem teatro fora do meio acadêmico, já que até o momento eu só tinha tido esse contato na universidade.

Quando voltei a me dedicar exclusivamente ao curso universitário, já tinha minhas dúvidas quanto ao meu interesse pelo bacharelado. Não estava gostando das disciplinas e tinha muito interesse em dar aulas. Cancelei algumas disciplinas do curso de bacharelado e me matriculei em outras, inclusive disciplinas específicas na Faculdade de Educação (FACED). Em pouco tempo, percebi que a minha vontade era fazer a licenciatura. Pedi transferência de curso e, depois de muitas burocracias resolvidas, passei a cursar Teatro - licenciatura oficialmente.

Um dos fatos que me marcou durante minha trajetória acadêmica foi um debate que pude assistir entre professores de teatro. Esse fato também marcou a primeira escolha de tema para meu trabalho de conclusão de curso. Os palestrantes eram professores com experiência comprovada e indiscutível. Já entre a platéia existia uma variedade de áreas de atuação entre os professores, nenhum com formação específica, porém todos lecionando teatro. O que mais me inquietou eram as atitudes dessa platéia em relação ao assunto que estava sendo abordado ali: alguns conversavam coisas paralelas, outros estavam preocupados com a hora do lanche, uma senhora tricotava... Enfim, não deveriam esses professores estar tremendamente interessados no assunto abordado?

Sendo eles leigos no assunto, apesar de atuantes, não deveriam estar interessados em buscar formas de qualificação?

A partir disso, pensei que um bom tema para meu trabalho seria a formação do professor, pesquisar quais são as etapas para que um professor possa afirmar que ensina teatro. Apesar de considerar uma boa idéia, ainda achava que o assunto era muito amplo e que eu precisava de um foco mais claro. ZAMBONI (1998) fala sobre a subjetividade da pesquisa em arte. Ele fala que as metodologias levam a resultados menos exatos, sendo difícil utilizar parâmetros quantitativos para medir resultados.

Cheguei em um momento em que precisei fazer escolhas. Minha intenção era que meu trabalho de conclusão de curso falasse sobre a formação de professores, sobre a minha experiência durante esse tempo, mas, principalmente, que ele contivesse o que precisava ser dito. O que é necessário que eu reflita nesse momento, antes de deixar a academia? Assim, meu ponto principal de pesquisa é a minha própria formação, visando pensar o que funciona e o que poderia ser diferente. Nesse momento da minha vida docente, não poderia deixar passar a oportunidade de não só fazer, mas refletir sobre o que está sendo feito, me fazendo e sentindo parte de um processo educacional.

Desde o começo desse último ano de graduação, passei a ministrar aulas de teatro no município de Ivoti, que está localizado a cerca de sessenta quilômetros da capital Porto Alegre. Esse estágio será o ponto de partida para discutir minha formação, também servindo como contraponto ao estágio curricular obrigatório, que também será apresentado aqui. Além disso, essa é a oportunidade de registrar uma experiência que se evaporará sem a devida atenção.

Me baseio nas palavras de Ivani Fazenda:

Será mais válido radicar-se por trás de fichas e apontamentos bibliográficos – de coisas que não são nossas

- , evadindo-nos para épocas que também não são nossas, ou será mais válido tentarmos nos exprimir por intermédio de nós mesmos? (FAZENDA, 1992, p. 128 e 129).

Complemento: seria ideal nesse momento fazer um estudo sobre algum autor ou assunto distante e deixar de lado o que a prática docente me proporcionou e transformou? Logicamente, ao longo desse trabalho existirão referenciais teóricos, mas eles não serão exaustivos, nem serão a base dos meus escritos. A base é minha vivência, o referencial é o suporte para avaliá-la. Fazenda também fala sobre a ousadia de escrever sobre a própria prática, adquire-se liberdade e permite-se aos outros conhecer um pouco do trabalho que é feito.

SOBRE O ESTÁGIO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

“O que é o estágio? Um rito de iniciação profissional? Uma estratégia de profissionalização? Conhecimento da realidade? Momento de colocar na prática a teoria recebida? Um treinamento? (p.14 SOUZA, Maria Socorro Lucena Lima, In O estágio na formação de professores. Unidade, teoria e prática)

A primeira iniciativa oficial do governo brasileiro em relação aos estágios aconteceu em 1972, com o “Projeto Integração Escola/Empresa/Governo. Como a economia estava crescendo muito rápido e cada vez mais surgiam novas tecnologias, era necessário que houvessem pessoas qualificadas. O estágio passa a ser encarado como uma forma de complementar o currículo. De acordo com uma publicação do Ministério da Educação e Cultura (1979), os principais objetivos da época eram: “abrir a escola para o mercado de trabalho, exercitando os docentes ao fazer; dar oportunidade aos discentes de vivenciar problemas reais do setor empresarial, a fim de obter subsídios para a atualização curricular; estimular as empresas a participarem do processo de formação de mão-de-obra qualificada.” (MEC, 1979, p.8).

Esse mesmo documento nos dá informações sobre o estágio em empresas, como forma de criar mão-de-obra qualificada, mas não somente por isso. O fato de existirem estudantes dentro das empresas significa que os currículos das universidades precisarão estar em constante reformulação, já que esses estudantes mostrariam quais são os pontos fracos e/ou defasados do currículo. Consta como responsabilidade das universidades formar profissionais voltados para as necessidades da sociedade.

Além disso, o estágio para o aluno do Ensino Superior significa que ele não chegará ao mercado de trabalho sem a prática, sem saber lidar com as situações reais mais simples. O aluno é

considerado “participante e responsável por sua própria formação.” (MEC, 1979, p.15). É consenso que o estágio serve como modo de unir o conhecimento teórico ao prático.

Ainda, segundo o MEC (1979), existem exigências para a realização de estágios dentro de uma empresa, para que o aluno não seja colocado em qualquer função que não seja coerente com o que o mesmo está estudando, ou seja visto como “mão-de-obra qualificada e barata”. Devem ser estudadas a viabilidade técnica e financeira da empresa. O estagiário ainda precisa de um supervisor, treinamento preliminar, apresentação e acompanhamento na empresa.

Diferentemente do exercício profissional de outros profissionais, como, por exemplo, os médicos dos quais se exige que tenham cumprido um estágio curricular e um estágio profissional entendidos como componentes da fase de formação, o exercício profissional de professores no Brasil, desde suas origens, requer o cumprimento apenas do estágio curricular. (p.21 SOUZA, Maria Socorro Lucena Lima, In O estágio na formação de professores. Unidade, teoria e prática).

Essa diferença entre o estágio profissional e o estágio curricular pode ser a causadora da expectativa de que os professores recém-formados tenham experiência profissional, enquanto essa somente ocorrerá quando ele estiver realmente lecionando. A autora também fala sobre unidade entre teoria e prática e que o grande desafio não está em aumentar a prática em detrimento da teoria, mas buscar uma nova forma de aliar as duas partes, já que elas são indissociáveis.

SARASON (1999) nos fala sobre a formação dos professores. Inicialmente, não era uma assunto muito abordado. Ensinava quem tinha interesse e demonstrava “jeito”. Ele também fala sobre a diferença dos gêneros na docência: as mulheres seriam responsáveis

pelas crianças menores, representando o papel da mãe escolar, enquanto os homens ensinariam os alunos mais velhos, para impor respeito. Além disso, a profissão para as mulheres significava uma possibilidade de estudar e colaborar com o orçamento familiar, enquanto ela não se casava. A partir do casamento, lecionar se tornaria uma profissão incompatível com a mulher, já que ela teria os próprios filhos para criar.

Mesmo que para os futuros professores o estágio exista apenas como elemento curricular, ele nunca foi considerado desnecessário para a formação, tanto que sempre esteve nos currículos dos cursos de licenciatura, apesar de seu nome aparecer de formas diversas. Assim, o estágio docente fica entendido como uma atividade teórica que vai preparar para a prática profissional futura. TARDIFF (2006) diz que a formação dos professores inicia muito antes de sua formação inicial, já que todos passam por aproximadamente 16 anos tendo experiências escolares enquanto alunos. Esse tempo é responsável pela primeira impressão do que é ser professor e é tão forte que muitas pesquisas mostram que a formação acadêmica não é capaz de alterá-la.

SOBRE A PREPARAÇÃO ANTERIOR AOS ESTÁGIOS CURRICULARES

Neste capítulo pretendo relatar como aconteceram as aulas que nos serviram de base para estar em sala de aula. O processo foi construído aos poucos e, a cada semestre, era sensível a diferença entre os colegas. Era possível notar o crescimento através das opiniões de cada um, ou mesmo percebendo os medos sendo deixados para trás.

O curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) tem a duração de oito semestres. Os primeiros dois anos de curso são compartilhados com os alunos bacharelados em Interpretação Teatral e Direção. O fato de convivermos juntos nesses primeiros períodos é interessante porque faz com que nós, futuros professores, tenhamos a preocupação de desenvolver a parte artística de nossa profissão. Difícil ensinar o que não se sabe fazer. Assim, passamos por aulas de atuação, expressão corporal e vocal, além de aulas de direção e teoria do teatro. Ao final dos dois primeiros e intensos anos de aula, cada grupo de alunos seguiu para sua área de especialização.

Nós, licenciandos, passamos a freqüentar muito mais a Faculdade de Educação e passamos a pensar em como ministrar aulas, antes de ocupar o papel de docente propriamente dito. A primeira disciplina que voltou nossos olhares para essa questão foi “Metodologia do Ensino do Teatro”, ministrada pela professora Vera Bertoni. Lembro da sensação de estar “órfã” do restante da turma e também da sensação de que daquele ponto em diante as aulas seriam diferentes.

O primeiro passo nessa disciplina foram os debates sobre textos teóricos. Ao mesmo tempo em que conversávamos sobre Piaget, Viola Spolin, Ryngaert, Paulo Freire e Augusto Boal, a professora foi nos introduzindo ao mundo docente. Aos poucos, começamos a

pensar não somente em como fazer, mas em como ensinar para que os outros também façam. As discussões nos muniram de material sobre o desenvolvimento das crianças, sobre jogos dramáticos e jogos teatrais. Além desses seminários teóricos, cada grupo preparou uma aula prática, a ser ministrada para os demais colegas.

Quando este primeiro momento terminou, passamos aos planejamentos de nossas aulas. Para que não fosse um choque para os alunos, fomos divididos em trios. Cada trio era responsável por preparar uma aula que fizesse sentido dentro de nossa oficina, denominada "Degustação Teatral". Ela recebeu esse nome depois de algumas conversas e achamos que seria adequado, já que os alunos apenas experimentaríamos um pouco do que é fazer teatro.

Nossa primeira intenção era que as aulas fossem ministradas no Instituto de Educação, mas após muitos desencontros resolvemos convidar um pequeno grupo de adolescentes para participar de nossa oficina em nosso próprio espaço: o Departamento de Arte Dramática. Os ares de novidade existiam tanto para nossos adolescentes, acostumados com seus colégios, quanto para nós, novos professores. As aulas aconteciam em um dia da semana. Os colegas que não ministravam à aula, assistiam. Um pequeno grupo sempre era o responsável por fazer o relatório daquele momento, que era apresentado na segunda aula da semana, em que somente a turma de futuros professores estava presente.

O grupo que eu fazia parte ministrou a primeira aula. Lembro de toda a turma estar nervosa, mas animada ao mesmo tempo. O sucesso da oficina dependia de cada aula e eu sempre confiei muito no meu grupo e nos demais colegas que nos seguiriam nas próximas semanas. Nossa função na oficina era fazer alguns jogos de integração e descontração, mas no fundo o que mais pesava para mim era que nós deveríamos gerar um encantamento para que nossos alunos voltassem nas próximas semanas.

Um dos exercícios que foi ministrado por mim consistia em montar corpos diferentes daqueles que os alunos estavam acostumados. Nós chamamos esses corpos de “monstros”. Para isso, pedimos para que eles fossem caminhando pela sala. Ao longo desse percurso, nós fomos colocando pequenas pedras, por exemplo, em um braço esticado, no cotovelo dobrado ou mesmo em cima dos pés. Isso foi dificultando a caminhada e modificando a velocidade e o jeito de andar. Depois retiramos as pedras, mas eles deveriam manter o corpo como se as pedras continuassem ali. Pedimos para que cada um pensasse em um som que representaria a fala do seu monstro. Em meio ao exercício, uma menina se encostou em uma das paredes e parecia ter cansado. Pedi para que os outros buscassem a menina e a convidassem de volta ao exercício. Uma legião de monstros resgatou imediatamente a colega. Durante a avaliação, os colegas comentaram que haveria muitas maneiras de trazê-la de volta, mas que tornar a participação responsável de todos tinha sido uma ótima opção.

Ao final da aula, sentamos todos em círculo e eles falaram sobre suas primeiras impressões. “Gostei muito” e “Vou voltar” foram as expressões mais utilizadas. Nós ficamos satisfeitos principalmente porque eles voltaram mesmo. Até a última semana, quando já existia uma cumplicidade entre todos nós, eles estavam lá.

Nessa disciplina nós começamos a aprender “como se ensina”, mas mais importante que isso, aprendemos que ensinar vai além de dar aulas. É necessário refletir sobre o que vai ser feito e o que está sendo feito de fato. Ensinar é um eterno planejar, executar, refletir, mudar o que for necessário e começar tudo novamente.

A próxima disciplina oferecida aos licenciandos chamava-se “Introdução à Prática de Estágio”, ministrada pelo professor Sérgio Lulkin. Dessa vez, nós deveríamos observar aulas de teatro em alguma escola e não necessariamente precisaríamos ir sozinhos. O

importante era observar o funcionamento da escola e como as aulas de teatro se encaixam nesse meio.

Observamos, uma colega e eu, o Colégio Sinodal, localizado em São Leopoldo. O Colégio foi criado em 1936 por evangélicos luteranos da região do Vale dos Sinos preocupados com a educação de seus filhos. Atualmente, são atendidos alunos desde o berçário até o Ensino Médio. O Colégio dispõe de uma grande área com árvores, um ginásio de esportes, um auditório, vasta biblioteca, laboratórios práticos de química, física e biologia, laboratório de informática, além de um espaço chamado "Casa da Música", onde são oferecidos cursos de instrumentos diversos.

A turma observada era uma sexta série do Ensino Fundamental, turma 61, na verdade metade dela, em torno de 12 crianças, na faixa etária dos 12 anos, já que os alunos se alternam entre teatro e música. Cada grupo participa de cada aula durante meio ano. Acompanhamos duas aulas, que aconteciam nas quintas-feiras às nove da manhã e tinham a duração de 50 minutos, com a coordenação do professor Jarbas Griebler.

Para que fosse possível fazer a observação, tivemos que encaminhar um documento para a coordenação pedagógica. Esse documento precisou ser aprovado em reunião para então podermos frequentar o Colégio. Cada vez que chegamos, foi necessário passar pela segurança, que é estrategicamente pensada, fazendo com que o espaço escolar seja inacessível para quem não faz parte dele.

A aula de teatro acontece no auditório da escola. Um espaço bem amplo. O palco tem dois níveis: partindo da platéia, subindo quatro degraus temos o primeiro nível, com aproximadamente 2 metros de largura; subindo mais 4 ou 5 degraus chegamos no segundo nível e talvez principal, pois ali está posta a cortina e a profundidade é maior, não passando de 4 metros. E nas coxias ficam alguns materiais que podem ser usados nas cenas, como alguns figurinos e objetos, todos a disposição dos alunos.

Foi interessante retornar ao local em que estudei por tantos anos, dessa vez não como aluna, mas com o olhar voltado a observar uma aula que eu também participei alguns anos atrás e que certamente influenciou na escolha da minha profissão. Fui aluna do professor Jarbas apenas em oficinas extra-classe, pois na minha época de estudante, as aulas eram também ministradas pela professora Sônia Pellegrino, que acabou sendo minha professora na parte curricular do teatro.

SOBRE MEUS ESTÁGIOS CURRICULARES OBRIGATÓRIOS

Fazem parte do atual currículo da Licenciatura em Teatro dois diferentes estágios obrigatórios: o primeiro deve ser feito nas séries finais do Ensino Fundamental (5ª a 8ª) e o segundo em qualquer série do Ensino Médio. Para isso, o aluno/estagiário deve observar a turma escolhida, para então planejar e executar um plano de trabalho coerente com a escola em que estará inserido. O aluno deve receber orientação do professor titular da turma e supervisão do professor da disciplina.

Meu primeiro estágio foi realizado durante o primeiro semestre de 2009, na Escola Municipal Mário Quintana, localizada no bairro Restinga, periferia de Porto Alegre. A escola atende alunos que moram nas proximidades. Eles chegam até a escola andando, o que faz com que existam muitas faltas em dias de chuva. A região em que a escola está localizada é muito pobre, não tendo mais do que as casas dos moradores e alguns pequenos estabelecimentos comerciais, como pequenos mercados.

A escola foi criada em dezembro de 1998, sendo inaugurada oficialmente em 2001, após a conclusão das obras. A comunidade sempre foi muito receptiva e participativa, relatando suas necessidades e interesses em relação à escola. Alguns princípios são sugeridos como suportes para reflexão e bases para a construção do Projeto Pedagógico, tais como: ética; respeito às diversidades e seu acolhimento; solidariedade; horizontalidade; avaliação permanente; ludicidade e reconhecimento dos diferentes saberes. Um dos princípios da escola é entendê-la como espaço público onde a comunidade local tenha acesso e também seja responsável pela qualificação das práticas culturais e de lazer, incluindo finais de semana, recesso e férias escolares.

O espaço físico da escola é constituído por três pavilhões de salas de aula, um para cada ciclo. Os banheiros ficam no espaço do

pátio, sendo separados os banheiros dos alunos e dos professores. Existe mais um pavilhão onde está localizado o refeitório, que serve lanche e almoço aos alunos. Ali também existe um pequeno depósito e uma sala destinada às aulas de artes plásticas, com balcões de granito e duas pias. A escola possui uma biblioteca e um laboratório de informática com quinze computadores. No pavilhão destinado ao terceiro ciclo está a secretaria, a sala de assuntos pedagógicos e a sala dos professores.

Minha primeira observação aconteceu no dia 18 de março. Os alunos chegaram do recreio bastante agitados. Estranharam a minha presença. A professora me apresentou, explicou como aconteceriam os nossos encontros e abriu um espaço para perguntas, mas ninguém quis se manifestar. Eles afastaram as classes com muito barulho, mas rapidamente. A aula começa com exercícios de aquecimento. Eles fizeram um círculo e a professora pediu para que eles prestassem atenção às suas bases (pés apontando para frente, fio imaginário que sai da cabeça para o teto). A professora pediu para que eles ficassem “desbundados” e em seguida “na base”. A diferença era notada, inclusive por eles, no próprio corpo e no corpo dos colegas.

Após alguns exercícios e jogos, a professora pediu para que todos saíssem de cena. Os alunos saíram do círculo e foram para as extremidades da sala. Ela perguntou o que os eles lembravam da última aula. Na ocasião, eles haviam trabalhado com cenas em fotos. Eles tinham que montar uma foto em que fosse possível identificar o local em que estavam. Para seguir esse trabalho, a proposta era mostrar novamente um lugar, mas cada um deveria ter o seu papel. Eles deveriam prestar mais atenção nos detalhes.

Depois de algumas fotos, foi proposto um exercício de improvisação para terminar a aula. A turma foi dividida em quatro grupos. Cada grupo recebeu um papel com indicação de alguma situação que acontece em um lugar específico. Eles podiam falar se quisessem e a cena não precisava ser estática. Como não sobrou

muito tempo, eles tiveram apenas cinco minutos para combinar o que seria a cena e cada grupo apresentou uma vez.

A conversa sobre as cenas aconteceu logo depois de as mesmas terem sido apresentadas. Basicamente, foi sugerido que eles melhorassem os mesmos pontos: tudo se resolveu muito rápido, então eles poderiam desenvolver mais as cenas. A professora disse que eles poderiam mostrar o que aconteceu antes, dar mais importância para cada um deles em cena e finalizar sem avisar ao público que acabou. Para a aula seguinte, ficou combinado que eles aprofundariam mais cada cena.

Na semana seguinte, durante a segunda observação, eles estavam mais tranquilos. A aula aconteceu mais ou menos com o mesmo procedimento: exercícios de aquecimento, jogos e improvisação. Eles melhoraram as cenas feitas na aula anterior e souberam destacar o que melhorou. Eles também entenderam as convenções feitas em cena (não passavam por cima de portas nem atravessavam paredes, chamando atenção de algum colega quando isso acontecia por acidente).

Minha primeira impressão foi de que a turma era bastante agitada. Eles conversavam o tempo todo, mesmo quando as instruções estavam sendo dadas ou os colegas estavam apresentando suas cenas. Os momentos de atenção aconteciam em alguns instantes isolados, por exemplo, quando a professora fazia uma contagem regressiva para começar uma cena, ou quando eles estavam fazendo algum exercício todos juntos. Eles reclamavam de quase tudo que era proposto, mas quando começavam a fazer os exercícios pareciam se divertir, apesar dos empurrões e tapas esporádicos.

Percebi que eles tinham muita pressa para resolver a cena e acabavam não a desenvolvendo como poderiam. Por isso, pensei em trabalhar improvisações com o foco na criação e estruturação de

cenar. Para trabalhar a concentração do grupo, desenvolvemos alguns jogos coletivos.

As aulas sempre aconteceram na sala de aula da turma. Todos os dias, precisei solicitar aos alunos que afastassem as cadeiras para junto das paredes antes de a aula começar e que reorganizassem tudo quando a aula terminava. Até mais ou menos a metade do estágio, as aulas aconteceram em uma sala que era destinada às aulas de filosofia e artes. Aconteceu uma reorganização e cada turma passou a ocupar uma sala fixa, ao invés de mudar de espaço em cada período.

Independente da sala em que estávamos, nunca consegui pedir aos alunos que tirassem os sapatos para qualquer atividade. A escola é úmida, fria e o chão sempre tinha muita areia que era trazida da rua pelos sapatos dos alunos. Também achei que seria muito indelicado de minha parte pedir para que eles usassem roupas que permitissem que eles se movimentassem com facilidade, já que eu não fazia idéia de que roupas cada um deles possui. Muitas vezes, algumas meninas não fizeram exercícios por estarem usando botas com saltos altos. Novamente, fiquei com receio de pedir diretamente para que elas tivessem cuidado com a escolha do sapato adequado para as aulas de teatro.

Um dos grandes desgastes para mim era ter que pedir várias vezes para que eles se dispusessem a começar a fazer os exercícios propostos. Cada vez que eu precisava formar um círculo, passavam pelo menos cinco minutos até que todos estivessem prontos para começar. Além do aviso geral, eu precisava chamar alguns alunos pelo nome. Apesar disso, quando os jogos começavam, todos estavam muito dispostos e a diversão era geral. Eles cuidam muito o cumprimento das regras, mas isso é uma característica ruim, já que visa estabelecer quem são os vencedores e os perdedores. Além da competição sempre presente, eles encontravam muitas formas de

depreciar os colegas, seja verbalmente ou mesmo fisicamente, através de empurrões ou outras pequenas agressões.

Para trabalhar os elementos da cena (início, desenvolvimento e desfecho), inicialmente propus que acontecessem cenas com a participação da turma toda simultaneamente. Os objetivos de identificar cada parte da cena, perceber que espaço cada um ocupa e mostrar o que acontece na cena não foram alcançados. Considero que o papel do professor nesse caso é interferir, mostrar como a cena aconteceu e propor mudanças, alertando para os objetivos que haviam sido propostos antes do início do exercício. Após isso, comentamos o que havia acontecido e algumas vezes refizemos a cena. As discussões nunca se desenvolveram da maneira como eu planejei, já que sempre houve muita bagunça, o que fazia com que a análise ficasse prejudicada. Porém, na maioria dos casos, eles reconstruíram com pequenas mudanças que aconteciam em direção ao que eu havia proposto.

O próximo passo foi trabalhar com improvisações em pequenos grupos em que eles tivessem tempo para combinar e ensaiar o que aconteceria. A intenção era que os grupos de ensaio cooperassem para o desenvolvimento do exercício proposto e percebessem que um depende do outro para que se construa a cena com clareza, cada um tendo sua função durante o que seria apresentado. Segundo Piaget:

a cooperação oferece aos estudantes situados abaixo da média um terreno de educação pelo controle mútuo e pela emulação sem rivalidade, muito superior ao terreno constituído pelo trabalho solitário. (PIAGET, 1958, p.148).

Não vejo outra forma de trabalhar teatro na escola fora dos grupos. De acordo com o que pude observar, algumas vezes a parte da aula destinada aos ensaios nos pequenos grupos aconteceu de uma maneira cooperativa, mas também houve casos em que as lideranças agiram de maneira autoritária, sem permitir maior

participação dos colegas mais tímidos. Durante o período das aulas, nunca consegui lidar com a violência existente entre os alunos. Empurrões, tapas e xingamentos permearam todo o período em que estive com eles. Esse foi um dos fatores que tornou difícil os ensaios, já que era preciso estar sempre controlando os movimentos de todos os alunos ao mesmo tempo.

Ainda sobre o trabalho em grupos, REVERBEL (1989) fala que dessa forma o aluno adquire dimensão social, pois são discutidas as idéias de todos. Uma forma de combater as lideranças negativas seria um rodízio entre os membros dos grupos, fazendo com que todos tenham a possibilidade de assumir o papel de líder em alguma ocasião. Alguns alunos tímidos conversaram comigo sobre suas dificuldades dentro de seus grupos. Procurei incentivá-los a prosseguir na construção das cenas nos grupos e tentei perceber se havia algum tipo de repressão entre os colegas. Não foram poucas as vezes em que presenciei discussões em que os alunos tratavam seus colegas como "burros" por não conseguirem fazer o que eles consideravam correto. A solução encontrada era reprimir, mas essa atitude não tinha sucesso, já que era só eu me afastar para que os xingamentos recomeçassem.

O fato de a turma ser muito grande também criou dificuldades para o trabalho, já que havia pouco espaço em sala, além das questões de comportamento.

Em relação ao desenvolvimento das cenas, no que diz respeito à elaboração de cada elemento sugerido para o trabalho, houve um pequeno progresso ao final das dez aulas. Eles começavam todos juntos, criavam algum conflito que era resolvido na seqüência e finalizavam saindo de cena ou congelando. RYNGAERT (1981) fala sobre os alunos precisarem criar situações em que sejam vistos e ouvidos, considerando que isso é uma exigência mínima. Inicialmente, pode ser um grande obstáculo e ele diz que isso está mais relacionado aos bloqueios que podem surgir por ser o centro das

atensões do que por existir uma real dificuldade em se colocar ou falar em um volume audível a todos.

Ao final das aulas, fiquei com um sentimento de inquietude. Enquanto professora, foi uma experiência desafiadora ter escolhido uma escola situada na periferia de Porto Alegre. Todos os dias apresentavam suas dificuldades, algumas sempre as mesmas, outras surgiam aos poucos. A questão do transporte e de demorar quase três horas o deslocamento entre minha casa e a escola foi fator de desgaste durante todo o processo. Além disso, a questão metodológica, como trabalhar os conteúdos que haviam sido planejados de uma forma que instigasse os alunos que pertencem a uma realidade tão cruel e tão diferente daquela que eu sempre vivenciei. De onde viriam os exercícios, já que nem sempre é possível encontrar o que seria apropriado à situação. Porém, acima de tudo, o que mais me preocupou e continua preocupando é como mudar a situação daquelas crianças.

Ao escutar as conversas e observando tudo o que acontecia no entorno escolar, chego a conclusão de que eles estão inseridos em um círculo vicioso difícil de mudar. A professora titular já havia me dito que os progressos em sala de aula são pequenos e acontecem a longo prazo, percebo que o restante da vida deles acontece muito rápido e fico pensando em qual é o real significado da escola na vida desses adolescentes. Frases como: “eu não acredito nessas coisas de escola” ou “o teatro não serve para nada, não muda nada” me assustam a partir do momento em que começo a considerar que isso pode ser verdade e que não importa o que os professores façam, o círculo vai recomeçar e eles vão sempre viver nessa mesma realidade cruel. Ryngaert diz que:

a mesma questão, que está sempre subjacente ao problemas das relações entre a criação artística e uma

pedagogia global, põe-se aqui: poder-se-á mudar a escola sem mudar a sociedade? (RYNGAERT, 1981, p. 21).

O segundo estágio foi realizado durante o segundo semestre de 2009, no Colégio de Aplicação da UFRGS. O Colégio está localizado no bairro Agronomia, junto ao Campus do Vale da UFRGS. A região é afastada do centro da cidade e o Colégio é rodeado por uma vasta área verde. Todos os anos acontecem dois sorteios para definir os que poderão se matricular no Colégio. Um desses sorteios destina-se à composição de novas turmas, enquanto o outro preenche as vagas remanescentes. Isso faz com que as turmas sejam heterogêneas, tanto em relação ao local em que os alunos moram, quanto à classe social a que pertencem.

O Colégio de Aplicação foi criado no dia 14 de abril de 1954 com o intuito de criar novas propostas pedagógicas, além de ser campo de estudo para professores em formação inicial ou continuada. No Colégio, existe a preocupação em desenvolver as individualidades, sem esquecer o meio social em que o aluno está inserido. As propostas de educação visam à emancipação e à justiça social. Toda a prática pedagógica é encarada como pesquisa e descoberta, buscando promover a liberdade de pensamento. O aluno é o centro do processo educativo, sendo instigado a perguntar, não apenas responder.

O Colégio possui excelentes instalações. Cada departamento possui um espaço específico destinado às suas atividades. A biblioteca está ligada ao mesmo sistema em que a UFRGS e fica disponível para consultas locais para o público em geral.

O corpo docente do Colégio é formado por professores efetivos e substitutos, além dos professores estagiários. Todos os professores fazem parte de algum Departamento de Ensino, que tem o objetivo de auxiliar os professores em atividades como planejamento, pesquisa e extensão. A disciplina de teatro está inserida no

Departamento Expressão e Movimento. Os demais departamentos são: Ciências Exatas e Natureza, Comunicação e Humanidades. Essa divisão auxilia o intercâmbio de informações e experiências entre os professores, já que uma das preocupações do Colégio está relacionada à interdisciplinaridade.

A área de Artes, além do teatro, é formada pelas disciplinas de Artes Visuais e Educação Musical. No Ensino Fundamental, os alunos passam por todas as disciplinas, já no Ensino Médio, eles optam por aquela que mais lhes agrada.

Cheguei ao Colégio de Aplicação cerca de meia hora antes do início das aulas para iniciar minhas observações da turma 102, segundo ano do Ensino Médio. Após o recreio, os alunos foram chegando à sala de teatro. Minha primeira impressão foi de que estavam faltando muitos alunos, já que em minha primeira experiência de estágio a turma era composta por 24 alunos que ocupavam um espaço muito menor. Para minha agradável surpresa, a turma era aquela mesma: 10 alunos muito tranquilos. A professora Carmen Soares, titular da disciplina, já havia me dito que eles tinham o costume de conversar muito antes de fazer as cenas, às vezes passando a aula inteira somente nesse processo. Essa característica apareceu muito durante nosso primeiro contato.

Para aquele dia, estavam programadas duas atividades: mostrar o trabalho do semestre anterior e montar uma cena que seria posteriormente gravada para uma instalação da Bienal de Artes do Mercosul. Eles decidiram me mostrar o trabalho somente na outra semana, já que algumas colegas estavam faltando. Assim, começaram as discussões sobre "grito e escuta", tema a ser abordado pela turma. Eles deveriam escolher uma palavra entre essas duas propostas e criar uma cena a partir dela. Uma das alunas participou de uma reunião em que a proposta foi explicada, então ela colaborou para esclarecer as dúvidas de alguns colegas e também deu algumas sugestões de palavras que poderiam ser utilizadas.

Depois de muitas discussões e muitos detalhes esclarecidos, a palavra escolhida foi “distorção”.

Definida a palavra, a turma foi separada em duplas para que fossem criadas pequenas situações que pudessem ser interligadas depois. Era nítido que as duplas combinavam muito e ensaiavam pouco. Depois de algum tempo, automaticamente as duplas começaram a se unir, formando novamente um grupo só que rapidamente montou a cena completa. Eles ensaiaram e apresentaram o resultado. Na primeira cena uma menina pedia ao pai permissão para ir a uma festa. Ele estava assistindo televisão e deixava, mas não prestou atenção ao pedido. Em seguida, essa menina ligava para uma amiga e assim os amigos iam se convidando. A cada ligação, um mal-entendido acontece, fazendo com que a noite seja uma grande confusão e resulte em muitos castigos aos adolescentes.

Para minha segunda observação, estava combinado que eles apresentariam a cena do semestre anterior, mas eles não pareciam nada animados com o resultado e nem com a idéia de fazer a cena novamente. Apesar disso, apresentaram e a má vontade era evidente em todos eles. Alguns me disseram que o processo não tinha sido legal e que, ao final, a cena tinha ficado muito diferente do que eles imaginaram em um primeiro momento. A história acontecia em uma escola. Vários assassinatos ocorriam, fazendo com que dois detetives se infiltrassem entre os alunos, descobrindo que o criminoso era o próprio diretor da escola. Apesar do descaso durante a apresentação, gostei da idéia da cena e da forma com que ela foi encenada.

Como sobrou um pouco de tempo, os alunos sugeriram que fizessem um jogo. Uma dupla começava a fazer uma situação qualquer. Um dos colegas que assistia poderia interferir dizendo “transforma”. A dupla congelava, um deles era substituído e quem entrou tinha que propor uma situação diferente da anterior. Esse jogo

durou cerca de vinte minutos. Alguns alunos participaram pouco, mas todos pareciam se divertir.

Ao final das observações, fiquei com a impressão de que a turma é tranqüila. Existe uma forte liderança por parte de uma das meninas que se esforça para que a aula aconteça bem, mas também existe uma outra liderança que representa exatamente o contrário. No geral, a turma se ajuda e contribui com o trabalho do grupo como um todo. Como eles tem aula de teatro há muitos anos, sabem do que gostam e do que não agrada. Às vezes os gostos entram em conflito e acontecem pequenas discussões, mas eles resolvem os impasses na mesma hora em que eles surgem.

Meu interesse com essa turma era trabalhar com montagem de cenas independentes, que pudessem ser interligadas, formando um pequeno espetáculo. Como a turma já tinha aulas de teatro há muito tempo e conheciam as convenções teatrais, pretendi focar as aulas na construção de personagens, utilizando elementos externos (roupas, acessórios, músicas) que instigassem a imaginação dos alunos. Minha intenção era que as cenas surgissem a partir de improvisações e que pudessem ser desenvolvidas ao mesmo tempo em que os personagens eram preparados.

Ao final da segunda observação, pedi para que todos os alunos pensassem no tema de interesse para a montagem do segundo semestre. No primeiro momento da aula, deixei que eles contassem o que haviam pensado. Uma sugestão era que fosse feita uma peça em que os personagens aparentemente não tivessem ligação uns com os outros, mas ao final, os espectadores descobririam que a trama estaria ligada o tempo todo. Outras sugestões surgiram, mas todas eram muito vagas e ninguém propôs um texto para guiar a construção da peça. Além da sugestão para que os estagiários usassem alguma dramaturgia nesse trabalho, os alunos acharam arriscado construir toda a peça a partir de improvisações mais livres.

Em seguida, apresentei as minhas opções: alguns textos dramáticos curtos e contos que poderiam ser adaptados. Nenhuma das minhas opções agradou ao grupo inteiro. Cada vez que eu apresentava uma opção, alguns gostavam e outros não, o que gerou grandes debates sem chegar a nenhuma conclusão. A essa altura, comecei a pensar que já deveria ter levado algo concreto e insistido, mas não quis cortar a participação da turma na escolha, o que acabou gerando toda a polêmica.

Enquanto eu apresentava meus textos, a professora Carmen se ausentou da sala por alguns minutos. Quando retornou, ela trouxe alguns textos curtos que poderiam ser encaixados na primeira proposta dos alunos. Fizemos a leitura de algum deles e eu insisti que eles lessem com calma, pois deveríamos escolher o que seria trabalhado nas aulas seguintes ainda naquele dia. Um dos textos lidos contava a história de uma mulher que foi vista saindo de um motel. Após muitas fofocas e ainda apanhar do marido, ela conta que estava trabalhando como camareira, inclusive com carteira assinada. A maioria dos alunos gostou do texto, alguns ficaram meio receosos, mas combinamos que essa seria a escolha. Fiquei responsável por criar mais alguns personagens na história e aumentá-la um pouco.

Ao final da aula, comprovei o que a professora Carmen já havia me dito sobre a turma: eles tem várias idéias, mas ficam discutindo muito até chegar em alguma conclusão comum. A professora ainda me alertou para que eu tentasse perceber quando as discussões não renderiam mais, procurando encaminhar as mesmas para seu desfecho. A primeira aula acabou se resumindo às leituras e discussões, pois quando os alunos começariam a improvisar uma cena, o tempo já tinha se esgotado e era hora de ir embora.

A peça escolhida apresentava uma realidade social muito distante da vivida pelos alunos, então foi possível estabelecer diferenças entre o plano de vida deles e dos personagens. Mesmo em escolhas mais simples: o que eu faria "se" estivesse nessa situação.

São pessoas que vivem em um mesmo mundo, na mesma época e, mesmo assim estão em uma realidade muito distante, às vezes incompreendida pelos alunos. Isso possibilitou que os alunos usassem a imaginação para criar uma persona que não era igual a eles, que tinha outras prioridades, outra maneira de agir, de se movimentar, de falar, mesmo de pensar.

O principal objetivo desse estágio era trabalhar com a turma a construção de personagens a partir de elementos externos, de forma a instigar a imaginação dos alunos. Para isso, utilizei alguns elementos do Sistema de Stanislavski: ação, imaginação, unidades e objetivos. Segundo Pavis, "o personagem teatral é uma ilusão de pessoa humana" (1999, p.285). Esses elementos foram escolhidos para auxiliar os alunos a construir uma "ilusão" coerente com o meio em que estavam inseridos. Stanislavski (2007) também diz que o personagem é uma máscara que oculta o ator, tornando possível que ele seja alguém que não é de fato, ou seja, o personagem.

Stanislavski (2002) fala sobre os atores em cena, que é necessário que alguma coisa esteja em ação, em movimento. Esse movimento pode ser tanto interior quanto exterior. Porém, não se pode estar em cena por estar, é necessário ter um objetivo definido, mesmo que o personagem esteja apenas sentado em cena, ele está sentado por algum motivo. "No teatro toda ação deve ter uma justificação interior, deve ser lógica, coerente e real" (STANISLAVSKI, 2002, p. 76).

Uma das dificuldades demonstradas pelos alunos era o que fazer quando eu estou em cena, mas não tenho falas? A partir desse questionamento, foi possível fazer com que os alunos entendessem que era necessário estar em cena com algum objetivo claro. Isso fez com que eles buscassem ações e aos poucos foi se delineando uma certa rotina em cena, na qual cada um sabia o que deveria fazer, onde deveria estar e todos sabiam o que era responsabilidade sua em cada momento.

A oportunidade de fazer meu segundo estágio no Colégio de Aplicação foi desde o início uma agradável surpresa. Até então, em todas as minhas experiências docentes, minhas aulas haviam acontecido em espaços que não eram específicos para o teatro e muitas vezes nem mesmo apropriados minimamente. Saber que a sala de teatro sempre estaria disponível e em boas condições de uso seria uma boa notícia para qualquer professor, mas para mim era uma felicidade a parte.

Como havia o compromisso de montar uma peça que seria apresentada ao final do estágio, minha primeira preocupação era escolher algum tema que agradasse a todos. A partir disso, eu precisaria criar motivações para que eles tivessem vontade não só de estar em aula, mas produzindo. A professora Carmen já havia me alertado sobre a tendência da turma em ficar combinando o que iriam fazer, sem fazer, de fato.

Porém, desde a primeira improvisação que eu propus, todos se dedicaram muito e sempre queriam continuar. Tentei propor situações que os instigasse a estar em cena. Considero que obtive sucesso, já que mais de uma vez eles me pediram para participar novamente de algum exercício. Em algumas situações, todos entravam em cena ao mesmo tempo, pois sentiam necessidade de que seu personagem participasse das situações criadas.

Quando a fase dos ensaios começou, alertei todos de que esse seria um momento que exigiria um pouco mais de paciência da turma, já que algumas vezes poderia acontecer de alguns alunos precisarem esperar mais tempo até o momento de ensaiar a sua cena. Pensei que a partir disso começariam a surgir reclamações, mas me surpreendi: os alunos que não estavam em cena auxiliavam os que estavam, fosse ajudando com o texto, ou mesmo com ideias para mudanças no que estava sendo feito.

Uma das aulas não funcionou como eu havia planejado, pois solicitei que eles pensassem em sapatos que os personagens

pudessem usar. A partir disso, eu gostaria de ter feito exercícios sobre o caminhar de cada um, desenvolvendo isso até que fosse possível ter as posturas e o jeito de cada personagem. Não insisti nesse ponto, que acabou sendo transferido para que fosse desenvolvido durante as improvisações e os ensaios.

Segundo TARDIF (2006), os alunos precisam estar engajados no processo pedagógico para que exista alguma possibilidade de sucesso. Considero que os alunos estavam comprometidos com as aulas desde o primeiro momento. O fato de eles se divertirem em aula, de terem construído e apresentado um ótimo trabalho para os demais colegas e também o fato de terem acontecido apenas duas faltas (de alunos distintos, em dias diferentes) me faz entender que a forma com que eu conduzi as aulas os instigou. Ao final do processo, cada um deles tinha um personagem com características próprias, coerente e com objetivos definidos.

SOBRE O ESTÁGIO REALIZADO NO PROJETO “TEATRO E DANÇA NAS ESCOLAS”, DO MUNICÍPIO DE IVOTI

O município de Ivoti está localizado a cerca de sessenta quilômetros da cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. O município é formado por aproximadamente dezoito mil habitantes. Uma cidade pequena, tranqüila, com algumas indústrias de alimentação, coureiro-calçadista e de confecções, além da pecuária, cujo objetivo principal é a produção de leite.

O Projeto “Teatro e Dança nas Escolas” existe na cidade de Ivoti desde 2006. Ele surgiu entre uma parceria do Ministério da Educação e Cultura (MEC) e a Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC), mas atualmente é mantido apenas pela SEMEC. Desde então, o Projeto atende mais de 250 crianças todos os anos, estando presente em todas as escolas da rede municipal. O objetivo principal do Projeto consiste em proporcionar às crianças do município a possibilidade de construir conhecimento através da linguagem do teatro e da dança.

Para isso, existe a preocupação que todos os professores sejam qualificados para exercer sua função. Atualmente, existem três professores de teatro (um licenciado em teatro, uma professora de português especialista em Arte e uma licencianda em fase final da graduação em teatro) e duas professoras de dança (ambas estudantes de licenciatura em dança).

A oportunidade de fazer parte do Projeto surgiu no início de 2009, meu último ano de graduação. Integrei a equipe como estagiária e inicialmente assumi seis turmas. Algumas semanas passaram e alguns ajustes precisaram ser feitos, até que minhas turmas ficaram definidas da seguinte forma: duas turmas na Escola Concórdia, uma de 1ª a 4ª séries e outra de 5ª a 8ª; uma turma de 1ª a 4ª séries na Escola 25 de Julho e duas turmas na Escola Ildo Meneghetti, sendo uma de 1ª a 4ª séries e outra de 5ª a 8ª.

Todos os anos, a equipe de professores faz uma divulgação das aulas em todas as escolas. Geralmente os professores passavam por todas as salas de aula, explicando o funcionamento do Projeto e fazendo o convite para que os alunos participem. Esse ano, resolvemos fazer diferente para mostrar aos alunos que é possível fazer o que já estamos acostumados de uma maneira não usual. Para isso, fizemos uma pequena apresentação, composta por uma coreografia executada pelos professores. Os alunos interessados puderam se inscrever nas secretarias das escolas. O mais gratificante era ver as filas que imediatamente após nossa apresentação se formavam nas secretarias.

Feita a divulgação, começamos as aulas na semana seguinte. Os alunos interessados freqüentam o Projeto no turno oposto ao que tem aula. Cada aula tem duração de uma hora e meia. Depois de um intervalo, inicia-se outra aula; quem começou o turno com teatro, terá aula de dança na sequencia, ou o contrário. Os alunos podem escolher fazer apenas uma das aulas, podendo ir para casa no outro período. Como muitos dependem do transporte disponibilizado pela prefeitura, a maioria dos alunos permanece o turno inteiro, participando das duas aulas. Além disso, no horário do intervalo os alunos tem possibilidade de fazer um lanche na escola mesmo. Os professores também recebem transporte da prefeitura, já que é necessário trocar de escola após o período lecionado.

O espaço em que as aulas acontecem não é sempre o mesmo. Em nenhuma das escolas existe um espaço específico para as aulas de teatro, então as turmas transitam por salas de vídeo, laboratórios de ciências ou até mesmo o pátio, quando nenhuma das outras está disponível. Quando isso acontece, é muito difícil fazer com que os grupos se concentrem, já que dividimos o espaço com as aulas de educação física e os recreios dos alunos em aula.

O primeiro grande desafio apareceu logo na primeira aula: os grupos chamados por mim carinhosamente de "menores", já que são

as crianças menores, de 1ª a 4ª séries. Em primeiro lugar, a diferença de idade entre as crianças é muito grande: aqueles que estão na 4ª série não gostam dos mesmos jogos e nem concordam com as idéias dos alunos da 1ª. Entre eles, ainda existe as séries intermediárias, que não sabem muito bem onde se encaixar, se apoiando os maiores ou os menores.

Para tentar agradar a todos, a solução foi tentar configurar a aula da seguinte forma: jogos no início e então propor ensaios para alguma pequena cena com temas sugeridos por mim ou pelos próprios alunos. Algumas vezes, a aula inteira era dedicada aos jogos, pois todos entravam nas brincadeiras e não queriam mais parar. Outras vezes, eu já chegava à escola sendo recebida por abraços e sugestões para fazer as cenas. Sempre procurei fazer dessas aulas um espaço em que eles pudessem acima de tudo brincar com a idéia de fazer teatro. Muitas vezes, ensinei músicas que os escutava cantar pelos corredores durante semanas.

Para integrar esses alunos aos demais de seus colégios, tentei fazer algumas apresentações. Assim, foi surgindo uma parceria, ainda que um pouco tímida, com as professoras das pré-escolas. Quando os alunos gostavam muito de alguma cena, nós ensaiávamos e convidávamos os alunos da pré-escola para serem nosso público. O resultado sempre foi positivo, já que os pré-escolares se divertiam muito com as apresentações e com a mudança na rotina enquanto os alunos do Projeto apresentavam seus trabalhos sem nenhum tipo de receio, pois sabiam que seriam bem recebidos.

Além das atividades semanais, foi organizado um "Piquenique Cultural" para os alunos do primeiro nível do fundamental que participam do Projeto. Esse foi um dia em que todos os alunos se encontraram em uma praça da cidade. Os professores comandaram jogos de integração, alguns grupos apresentaram cenas elaboradas em aula, também aconteceram apresentações de coreografias das aulas de dança e todos tiveram um tempo livre para brincar juntos.

Depois, cada um dividiu o lanche que havia trazido de casa com os demais colegas. O traslado dos alunos ficou por conta do eficaz sistema de transporte escolar da cidade.

Já a preocupação dos alunos “maiores” (5ª a 8ª séries) sempre foi, nas palavras deles, “fazer teatro”. Em geral, todos os grupos se mostraram interessados em montar peças que pudessem ser apresentadas aos demais colegas da escola. Com esses grupos, tentei mesclar a vontade deles com a minha: montamos uma peça, mas em todas as aulas havia um momento destinado a desenvolver algum elemento técnico, como exercícios de voz, de expressão corporal, ou mesmo contracenação e distribuição pelo espaço.

Também sempre dediquei tempo para que eles fossem capazes de avaliar o próprio trabalho. Várias vezes eles escutaram de mim a frase: “não quero reclamações, quero argumentos”. Com o tempo, eles começaram a pensar no que dizer, não mais somente dizer se algo é bom ou não. Fiz questão de mostrar alguns vídeos aos alunos, para que pudessemos fazer comparações e outros apontamentos, aumentando e qualificando a apreciação estética de todos eles.

Para finalizar as atividades desses grupos, foi organizada a “Primeira Mostra de Teatro de Ivoti”, a qual tive muito orgulho em ajudar a organizar e participar. Cada grupo apresentou sua peça e assistiu aos demais grupos. Depois de cada apresentação, um breve debate era conduzido para que cada grupo falasse um pouco sobre sua montagem. Infelizmente, essa parte não foi muito aprofundada devido aos atrasos que aconteceram por conta de nossa inexperiência com esse tipo de organização.

Além dos limites da sala de aula, a SEMEC demonstra uma preocupação com a formação continuada dos professores da rede municipal de ensino. Anualmente, acontece um seminário de educação na semana que antecede o recesso escolar de inverno. A participação dos professores é obrigatória. O seminário também convida os professores da região para que participem. No ano de

2009, o tema do seminário era "Avaliação e o direito de todos à aprendizagem". Durante os dois dias mais frios do ano, o ginásio de uma das escolas estava lotado de professores. O que eu presenciei foram profissionais preocupados em aproveitar aquele momento para repensar suas práticas em sala de aula. E o tricô, claro. Figurativamente e literalmente: enquanto aconteciam as conferências, muitos professores ficavam na área destinada ao lanche e outros tantos trabalhavam suas peças de lã.

O evento paralelo era tão intenso que por vezes atrapalhava a concentração dos que tentavam prestar atenção no que estava sendo dito. Posteriormente, em um momento de debate, o assunto foi trazido em questão pelo outro professor de teatro. Ele falou sobre maneiras de manter a atenção dos alunos em aula: "vocês reclamam que os alunos não param quietos, mas vocês, professores adultos, não conseguem prestar atenção em um evento que foi planejado especialmente para vocês.". Isso me fez pensar que ser professor é se reinventar constantemente, e isso não é tarefa fácil. Pode ser desgastante e cansar, por esses motivos que esses encontros são importantes, para que as idéias continuem sempre surgindo.

Conhecer a rede de ensino de uma cidade do interior e um projeto bem estruturado, que tem sua importância reconhecida pelos cidadãos, faz pensar que esse exemplo poderia ser seguido por tantos outros municípios. Fica a saudade. A reflexão vem a seguir.

SOBRE AS DIFERENÇAS ENTRE O ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO E O ESTÁGIO ELETIVO

Durante minha graduação, passei por três diferentes estágios: dois curriculares obrigatórios e um eletivo. A maior diferença entre os estágios acontece em relação ao tempo. Os estágios curriculares são compostos por dez aulas, além do planejamento e avaliação. Durante essas poucas aulas, é necessário que o planejamento seja executado. O que aconteceu comigo e com alguns colegas de disciplina foi a dificuldade de chegar ao ponto central de nossos planos de trabalho. Quando cheguei às escolas, tive a sensação de que tudo era novo. Até que aconteça o período inicial de adaptação entre professor e turma, praticamente metade das aulas já aconteceram. É inevitável que algumas coisas fiquem para trás.

Já quando se está com uma turma durante um ano inteiro, é possível conhecer os alunos, para então pensar em como serão as aulas e o que será mais apropriado para cada grupo. É possível que tudo não aconteça conforme o planejado, mas existe tempo para a reorganização, a correção das falhas e o prosseguimento do processo aconteça. Em ambos os casos, presenciei alunos reclamando que os professores chegam e quando ele se acostumam, já está na hora de trocar novamente. Em Ivoti a troca de professores de teatro e dança é constante, já que geralmente esses profissionais vem de outras cidades, o que causa um desgaste devido ao longo traslado constante.

Considero uma vantagem do estágio curricular a possibilidade de construir um planejamento que será supervisionado. O plano de trabalho precisa estar finalizado e aprovado pelo professor supervisor antes de o estagiário poder iniciar suas aulas. Assim, existe uma linha central a ser seguida e objetivos claramente traçados, possibilitando uma posterior avaliação. Em Ivoti, minhas aulas eram planejadas, mas semanalmente. Ato falho de uma jovem professora inexperiente

não traçar um plano claro para cada turma. Isso gerou por vezes uma sensação de indecisão diante de uma encruzilhada. É difícil escolher que caminho seguir quando não se definiu para onde se vai. Esse ponto ficará em aberto para ser trabalhado durante o percurso docente.

Outro ponto importante a ser destacado é a convivência com a estrutura da escola. A sensação de ser “convidado” só desaparece depois de algum tempo de vivência no lugar. Conhecer toda a estrutura da escola a fundo, conhecer as pessoas que trabalham nela diariamente e criar vínculos com as mesmas não é possível em poucos meses. Quando a escola passa a ser local de trabalho, o engajamento com as discussões de todo o tipo é mais constante e qualificado, já que cada pedacinho é conhecido e reconhecido como parte de si. Somente o tempo permite que o professor se sinta parte dos projetos da escola, sinta que também é responsável por eles e por tudo que esse espaço necessite.

Trago aqui um exemplo: em uma das escolas em que trabalhei em Ivoti, a coordenação pedagógica e a direção constantemente me pediam para que envolvesse os alunos do teatro em atividades extracotidianas. Esses alunos participaram de um desfile de aniversário da cidade, de atividades voltadas à educação infantil, além da Mostra citada anteriormente. Essa era a escola em que minha carga horária era maior e, coincidência ou não, era o lugar em que eu me sentia mais acolhida e membro do corpo docente.

A maior satisfação em passar um período maior com os alunos é perceber o crescimento deles. Iniciar o ano com uma turma, ensinar, aprender e chegar ao final percebendo desde mudanças de atitudes e comportamento até o resultado do trabalho das aulas de teatro em si é uma grande retribuição. Além disso, perceber que as crianças estão mais altas, com dentes novos que já repuseram os antigos dentes de leite é muito divertido.

Uma das vantagens do estágio curricular é a possibilidade de avaliação constante com o professor orientador e o professor supervisor. Qualquer impasse que surja, existe alguém disponível para ajudar. Nunca se está sozinho: além dos professores, o contato com os colegas lembra que existem mais pessoas no mesmo barco e muitas vezes a dificuldade de um é resolvida por outro. Acompanhar a turma que por vezes trilha um caminho parecido, outras vezes muito diferente transmite uma segurança confortante.

A supervisão do professor é parte muito importante do processo. Alguém mais experiente, que conhece o estagiário, acompanha pelo menos uma aula para elaborar seu parecer. O retorno dessa observação por vezes é esclarecedor e faz com que o estagiário tome consciência de coisas simples, mas que sozinho não seria possível perceber. Algumas observações acabam sendo feitas ao grupo todo de estagiários, já que alguns conselhos servem a todos.

Outra diferença que merece ser destacada é a diferença de aulas curriculares para as aulas extra-classe. Quando as aulas de teatro fazem parte do currículo, os alunos precisam estar em aula sempre. Saber se os alunos gostam ou não torna-se um pouco relativo, apesar de ser possível perceber através de posturas em aula. Já para as aulas extra-curriculares, a aprovação dos alunos acontece claramente por meio da frequência. Se eles continuam comparecendo é porque gostam, apesar dos apelos constantes das aulas de recuperação das matérias curriculares em que eles apresentam maior dificuldade. Logicamente, saber que eles aprovam as aulas não significa que o professor possa relaxar, mas o contrário, é um incentivo para qualificar as aulas sempre. Nesse sentido, o maior incentivador para mim era chegar na escola em dias de chuvas torrenciais e encontrar a sala cheia de alunos.

Uma das possibilidades que existe para os estudantes de graduação diz respeito à experimentação. Em relação aos estágios, passei por situações muito distantes uma da outra: lecionei em uma

escola da periferia da capital, em um projeto para escolas de uma cidade do interior e ainda no Colégio de Aplicação da UFRGS. Essa multiplicidade de realidades incita à reflexão e inevitavelmente deixa sua marca na identidade de um professor. Deixar-se levar por diferentes caminhos para ver quais serão os resultados parece mais valioso que continuar apenas naqueles que já foram trilhados. Abre a possibilidade para a escolha de que professor eu quero ser, além de mostrar que para ser professor é necessário se adaptar às diferentes realidades. A experiência de estar em sala de aula conclui o ciclo da graduação. A partir de agora, surgirão outras experiências, outras pesquisas, outros alunos, outros desafios para colaborar com a eterna construção dessa professora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após passar por esse ano de experiências docentes diferenciadas, é interessante que exista a possibilidade de fazer uma reflexão. Estar em aula, trabalhar, estudar, planejar as aulas para os alunos e não descuidar dos próprios compromissos enquanto aluna é uma jornada cansativa. Quando lembro que ela se estendeu por um ano inteiro, não posso deixar de citar que nem sempre foi tudo fácil. Estar cada dia em um lugar, com responsabilidades diferentes, às vezes acordando de madrugada para não perder o horário do ônibus, outras vezes correndo para chegar em tempo à estação de trem ou fazendo uma rota extensa dirigindo, nem sempre é fácil. Quando a rotina não facilita, por vezes a sensação de medo se apresenta sem piedade.

Algumas vezes pensei em desistir por não me considerar qualificada para meu trabalho. Pensava que a dúvida me desqualificava completamente. As opções eram deixar de trabalhar ou adiar a conclusão da graduação. A sobrecarga de fazer tudo ao mesmo tempo por vezes pareceu ser insuportável. Porém, nunca permiti que nenhuma das opções negativas fosse viabilizada. Nesses momentos de grande tensão sempre foi importante lembrar que eu fazia parte de uma comunidade escolar, tanto como professora, quanto como aluna. Dividir angústias com essas pessoas me fez perceber que eu não estava sozinha e que muitas de minhas dúvidas eram compartilhadas por vários de meus colegas. Foram momentos de pensar junto, mudar junto e crescer junto.

Na relação com os alunos, surgiram duas palavras que sempre estiveram presentes durante minhas aulas: colaboração e respeito. Com o passar do tempo, foi se estabelecendo um vínculo afetivo entre os alunos e eu. Chegaram a acontecer ocasiões em que os alunos pareciam esquecer que eu era professora e então era necessário lembrá-los do respeito necessário para que nós

podéssemos conviver bem em um mesmo espaço. É preferível que a cumplicidade com os alunos favoreça o desenvolvimento das aulas ao invés de eles pensarem que o professor é apenas um amigo, tornando o espaço da sala de aula apropriado para qualquer outra coisa que não as aulas.

Eis que surge um desafio: como prestar atenção em todos os alunos ao mesmo tempo. Nesse sentido, a cumplicidade aliada ao respeito facilitam o trabalho de um professor. Se a turma entende quais são os limites e sabe o que está fazendo naquele local, durante aquele período de tempo, é menos provável que surjam desentendimentos ou qualquer tipo de confusão entre os alunos. As escolas de Ivoti sempre colocaram à minha disposição os serviços da coordenação pedagógica. Pedi auxílio em uma ocasião, mas não concordei com a forma de abordagem, que foi muito mais repreensiva que conciliadora e passei a resolver as situações que surgiam sozinha.

Aulas de teatro na escola provocam reações diversas. De acordo com o que observei nas escolas de Ivoti, ao mesmo tempo em que existe uma euforia em que as aulas aconteçam, existe um desgosto em relação a ocupar espaços que não pertencem a essas aulas e principalmente ao excesso de barulho. Existe uma vontade de proporcionar atividades diferenciadas aos alunos, mas sem que o espaço das demais atividades seja perturbado.

Refletir é necessário. Funciona: lecionar, reservando um tempo para a reflexão e a qualificação. Não foi exatamente como eu gostaria que tivesse acontecido. Preferiria ter lido mais, ter participado de mais debates e seminários, ter dormido melhor para estar mais disposta em todas as atividades. Porém, estar em atividade o tempo todo parece fazer parte de graduandos em final de curso e comigo não poderia ter sido diferente. Fui a melhor professora que poderia ter sido, mas não a melhor para os próximos anos.

Nenhum professor deixa sua formação inicial perfeito, ao contrário, surgem dúvidas e por vezes os desafios parecem ser maiores do que se pode superar. Por outro lado, ao chegar em sala de aula esse mesmo professor está cheio de vontades e questionamentos que talvez para quem já exerce a profissão a mais tempo não perceba. Aqui não me refiro apenas aos professores de teatro, já que percebo o brilho do olho naqueles que tantas vezes cruzaram meu caminho em disciplinas que encontravam as demais licenciaturas.

Desejo que eu continue podendo lecionar, sempre pensando em minha prática, para que eu não seja apenas uma mistura dos professores que um dia tive, apesar de que eles estarão sempre comigo. Desejo “estranhar o que não for estranho e tomar por inexplicável o habitual” (BRECHT, p. 217). Desejo poder construir conhecimento através dessa linguagem. Desejo teatro. E educação.

REFERENCIAL TEÓRICO

- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Departamento de Assuntos Universitários. *Escola/Empresa – A qualificação pelo estágio*. Curitiba: MEC, 1979.
- BRECHT, Bertolt. *Teatro de Bertolt Brecht – Volume 3*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- FAZENDA, Ivani (org). *Novos enfoques da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1992.
- PAVIS, Patrice. *Dicionário de Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- PIAGET, Jean. *Sobre a Pedagogia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- PIMENTA, Selma Garrido (org). *O estágio na formação de professores. Unidade, teoria e prática*. São Paulo: Cortez Editora, 1997.
- REVERBEL, Olga. *Um caminho do teatro na escola* Porto Alegre: Editora Scipione, 1989.
- RYNGAERT, Jean-Pierre. *O jogo dramático no meio escolar*. Coimbra: Centelha, 1981.
- SARASON, Seymour B. *Teaching as a Performing Art*. New York, 1999.
- SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

- STANISLAVSKI, Constantin. *A preparação do ator*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

- STANISLAVSKI, Constantin. *La construcción del personaje*. Buenos Aires: Alianza Editorial, 2007.

- TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

- ZAMBONI, Silvio. *A Pesquisa em Arte*. Campinas: Autores Associados, 1998.

- Colégio de Aplicação. Disponível em: <http://www.cap.ufrgs.br/interno.php> . Acesso em: 14 novembro 2009.

- História de Ivoti. Disponível em: <http://www.ivoti.rs.gov.br/historia/index.asp> . Acesso em 30 novembro 2009.

- Princípios da Escola. Disponível em: <http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/quintana>. Acesso em: 05 maio 2009.